

Morfologia polínica das espécies campestres de Asteraceae Martinov no Rio Grande do Sul, Brasil

Jorge Luiz Wolff¹, Jefferson Nunes Radaeski², Andreia Cardoso Pacheco Evaldt² & Soraia Girardi Bauermann²

1. Estudante de IC da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA; * jlwoff49@gmail.com

2. Pesquisador do Laboratório de Palinologia da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA

Palavras Chave: *Bioma Pampa, Ornamentação, Pólen*

Introdução

As variações climáticas ocorridas no Bioma Pampa provocaram alterações pouco marcantes na composição florística de sua cobertura. Estudos paleoecológicos confirmam a constância de vegetação de porte herbáceo, ao menos nos últimos 22 mil anos, com predominância das famílias Poaceae (R.Br.) Barnhart, Cyperaceae Juss. e Asteraceae Martinov, que são famílias complexas por abrigam grande número de espécies que apresentam pouca variação na morfologia polínica. Por sua predominância nos testemunhos sedimentares do período Quaternário, a identificação do paleopólen destas famílias em níveis taxonômicos mais altos permite a classificação mais refinada da cobertura vegetal e assim, determinar com mais precisão as variações climáticas ocorridas no Bioma Pampa.

O presente trabalho tem como finalidade a descrição morfológica detalhada do pólen da família Asteraceae, para melhorar a compreensão das alterações na cobertura vegetal do Bioma Pampa provocadas por eventos climáticos, tendo por base a identificação do pólen nos testemunhos sedimentares do período quaternário.

Resultados e Discussão

As espécies apresentadas são de ocorrência no Bioma Pampa, sendo parte de coletas de material fértil efetuadas no estado do Rio Grande do Sul nos municípios de Itacurubí, Guaíba, Oasis, Cambará do Sul e Manoel Viana. Com o material polínico processado por acetólise foram montadas lâminas em gelatina glicerínada, fixadas em parafina e lutadas (Fig. 1). As medidas e imagens foram obtidas em microscopia óptica, sendo que as dimensões polares e equatoriais correspondem à média das medidas de 25 grãos e a quantidade e comprimento dos espinhos à média das medidas de 10 grãos (Tab. 1). O material exsiccado foi depositado no Herbário HERULBRA e as lâminas produzidas integram a coleção da Palinoteca da ULBRA.

Tabela 1. Quantidade de espinhos e medidas dos grãos de pólen observados.

Espécie	Espinhos		Medidas *		Habitat
	Quant.	Tam.*	Polar	Equat.	
<i>Baccharis vulneraria</i>	13,5	5,9	34,00	34,00	Campo sujo
<i>Calea uniflora</i>	12,2	11,2	57,36	57,36	Campo limpo
<i>Gamochoeta spicata</i>	18,8	4,9	36,04	36,04	Campo limpo
<i>Senecio ceratophylloides</i>	15,1	6,6	55,12	49,92	Campo sujo
<i>Senecio conyzoides</i>	14,9	6,6	52,56	52,56	Campo sujo
<i>Sonchus oleraceus</i>	8,3	12,9	53,12	53,12	Campo limpo
<i>Viguiera immarginata</i>	15,8	8,3	48,24	36,00	Campo limpo

* Medidas em µm.

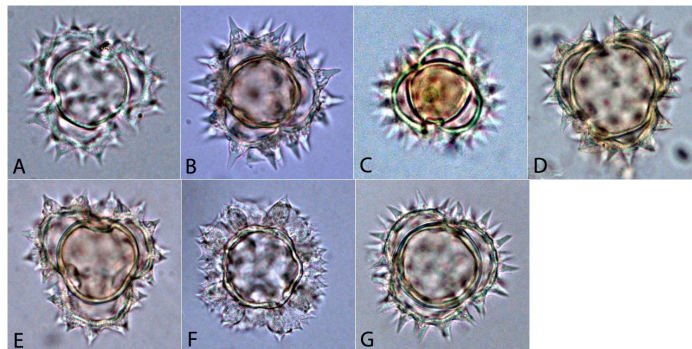


Figura 1. Imagens em vista polar de: A - *Baccharis vulneraria* Baker; B - *Calea uniflora* Less.; C - *Gamochoeta spicata* (Willd.) Kerguelen; D - *Senecio ceratophylloides* Griseb.; E - *Senecio conyzoides* DC.; F - *Sonchus oleraceus* (L.) L.; e G - *Viguiera immarginata* (DC.) Herter.

Conclusões

As espécies *Baccharis vulneraria*, *Senecio conyzoides* e *S. ceratophylloides*, características de campo sujo, apresentaram grãos de pólen mônades, de tamanho pequeno a médio, isopolar, radiossimétricos, com formato variando entre esferoidal e prolato-esferoidal. As espécies *Gamochoeta coarctata*, *Calea uniflora*, *Sonchus oleraceus* e *Viguiera immarginata*, que vegetam no campo limpo, apresentaram grãos de pólen mônades, de tamanho pequeno a médio, isopolar, radiossimétricos, com formato variando entre esferoidal e prolato. Também foram observadas diferenças nas ornamentações (tamanho e quantidade de espinhos em vista polar), tendo a espécie *Sonchus oleraceus* apresentado marcante diferença na forma dos espinhos. Os dados deste trabalho irão contribuir para um maior refinamento dos tipos de campo encontrados no Estado, tanto nos estudos atuais (amostras de superfície) quanto nos estudos de reconstituição paleovegetacional.

Agradecimentos

Os autores agradecem à FAPERGS (processo 12/2171-6), à Universidade Luterana do Brasil - ULBRA e aos colegas do Laboratório de Palinologia da ULBRA.